

# DF LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO IV

Nº 44/46

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

“Quando nasci,  
um anjo torto  
desses que vivem  
na sombra disse:  
vai, Carlos!  
ser *gauche* na vida”

# Drummond

No meio do caminho tinha um poeta  
tinha um poeta no meio do caminho...  
Havia um poeta...  
Já faz dez anos...



Biblioteca/CLDF

CONTRATO Nº 2810/97  
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF  
UP: ACCÂMARA LEGISLATIVA

IMPRESSO

ENTREVISTA  
Um garimpeiro  
da arte popular

# A história que tio Eurides não contou

*A vida dele sempre foi marcada por profundos padecimentos, mas sua tribulação começou mesmo, para valer, depois de sua separação de Carmelita, sua mulher. Fugiu com outro homem, deixando tio Eurides com as três crianças.*



de e a caridade são virtudes essenciais para se evitar o sofrimento.

Afirmam também que o ser humano vive muitas vidas em reencarnações sucessivas, resgatando erros cometidos em vidas anteriores, até purificar-se definitivamente.

Filósofos e pensadores também tentam explicar o sofrimento humano. Espinosa, por exemplo, no seu livro *Ética*, diz que o sofrimento existe, quando a alma humana age passivamente diante de certas coisas. O filósofo francês Regis Jolivet, em seu livro *Curso de Filosofia*, define o sofrimento como um estado afetivo desagradável, resultante de um mau exercício de uma atividade ou de um pendor contrariado.

Outros explicam que a voz humana e seus sentimentos são energias poderosas que se manifestam em ondas e agem com efeito de bumerangue. Voltam para a fonte de origem, só que muitas vezes aumentadas, provocando sofrimento, se estes forem negativos. Afirmam que há uma relação estreita entre o corpo e a mente. Um efeito físico pode refletir um efeito mental, e vice-versa. A mente não pode pensar ou sentir em suas diferentes formas, sem afetar o corpo como um conjunto. Dizem também que o sofrimento surge, quando não há equilíbrio entre o dar e o receber.

A instituição religiosa Perfect Liberty prega que os sofrimentos são apenas reflexos de um modo errôneo de pensar e agir. São como avisos divinos, para que o homem compreenda que precisa reformar comportamentos e pensamentos.

## □ Nara do Nascimento e Silva

**E**xistem várias teorias sobre o sofrimento humano. As religiões, instituições que tratam dos sentimentos, da alma e do comportamento do homem, com relação às coisas divinas, tentam explicá-lo, segundo os seus dogmas.

Pregam que uma pessoa sofre, quando é perturbada pelo satanás, por espíritos malignos ou espíritos zombeteiros; a aceitação, a humilda-

Toda essa reflexão sobre o sofrimento é para tentar entender por que umas pessoas sofrem mais do que outras, como por exemplo, tio Eurides.

A vida dele sempre foi marcada por profundos padecimentos, mas sua tribulação começou mesmo, para valer, depois de sua separação de Carmelita, sua mulher.

Apaixonado por ela, tiveram três filhos homens. Passaram por muitas dificuldades financeiras até que vieram para Brasília, na época da construção.

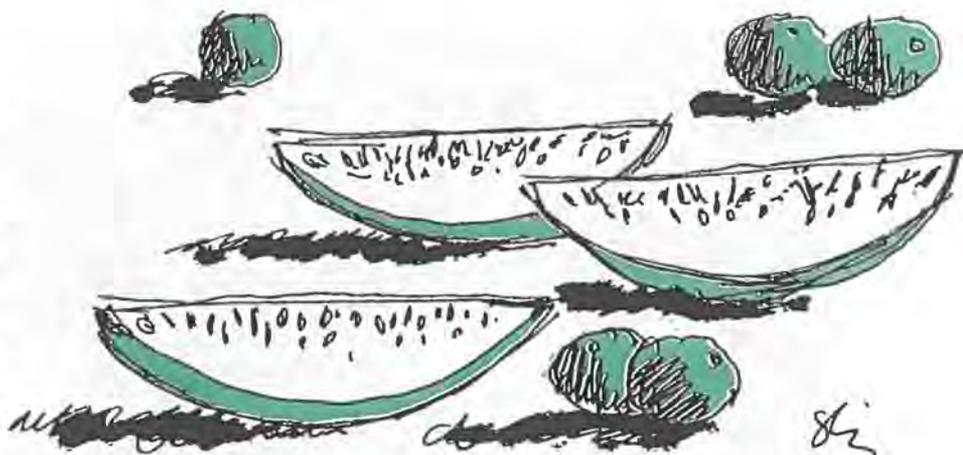
Carmelita não tinha a têmpera dos pioneiros, nem a índole dos candangos, curtida no pó solto da terra vermelha, para suportar a carência de tudo na abundância da alma e da solidão. Fugiu com outro homem, deixando tio Eurides com as três crianças que tinham na época 6, 4 e 2 anos de idade.

Foi duro para ele enfrentar essa traição. Ele, machão, gozador, irônico, inveterado contador de casos, provocador de gargalhadas nos outros, ele próprio de riso muito fácil, não iria suportar a pecha de cornô. Toda sua dor e humilhação saiu num grito assustador que deu na porta do barraco, quando ao chegar em casa, depois de um exaustivo dia de trabalho, encontrou na cama do casal um bilhete com esses dizeres: "Fui embora com outra pessoa. Adeus. Cuide das crianças".

- Carmelita, desgraçada!!! Foi o grito que explodiu em sua garganta. Enquanto viveu, nunca mais falou o nome dela, nem morou maritalmente com outra mulher.

Um processo de autodestruição se desenvolveu dentro dele. Passou a beber e descuidou da alimentação das crianças, que, para sobreviverem, estocavam o fruto do jatobá, que iam buscar no cerrado. Seu irmão Jovino soube de sua situação; mandou buscá-lo.

Tio Eurides era pedreiro e, quase sem trabalho na cidadezinha de Itapirapuan, Goiás, mudou-se para a promissora cidade de Sanclerlândia. Ali morou até os filhos crescerem. Depois foi para Anicuns, onde residiu até os



filhos se casarem. Todos três aprenderam o ofício de mecânica de carros.

Sozinho, voltou para a companhia do irmão, que já estava bem idoso e tinha se aposentado.

Ficavam os dois debaixo das mangueiras, no quintal da casa. Na sombra, sentindo o frescor do vento que abrandava o intenso calor do estio, relembavam as peripécias de suas vidas. Caso passado fica engraçado. E riam a valer das tocaias que enfrentaram em época de eleição e do medo que passaram; dos garimpos perigosos em que viveram com a família; das intempéries do tempo que prejudicavam as lavouras e tinham que plantar tudo de novo. Filhos e sobrinhos ficavam em volta dos dois, fascinados com os assuntos que não tinham fim.

Acredito que ambos morreram sem ter esgotado a história de suas vidas.

A vida de tio Eurides parecia serena, mas o destino tratou de modificá-la novamente.

A tragédia abateu-se sobre ele e em curto espaço de tempo perdeu os três filhos, dois de maneira estúpida e misteriosa.

Nilfo, o filho mais velho, matou Tonho, o filho do meio.

Pouco tempo depois dois homens desconhecidos mataram o Nilfo. Ninguém entendeu esses assassinatos, pois os dois filhos levaram para o túmulo o segredo de suas mortes. Os assassinos de Nilfo nunca foram encontrados.

Tio Eurides estava se recuperando desse mau fado quando veio a notícia

de que Nenzinho, o filho caçula, morreu em um desastre de carro. Uma batida violenta.

Soubemos que no enterro dos filhos ele se encontrou com Carmelita. Abraçaram-se chorando e falaram um com o outro. Tio Eurides nunca fez o mínimo comentário desse acontecimento, por mais que nossa curiosidade o espicaçasse.

Aparentemente tio Eurides reagia bem a todos esses desgostos.

Não demorou muito e já estava rodeado de sobrinhos, contando os casos escabrosos dos pistoleiros da região, ironizando os percalços de sua vida e arrancando gargalhadas.

Imagino que o coração de tio Eurides começou a falhar por ele remoer culpas contra Carmelita, em silêncio. Ninguém levou a sério suas brincadeiras imitando as batidas do coração que falhava.

Poucos anos depois da morte do filho caçula, numa manhã, ao findar a primeira dezena de setembro, enquanto coava café, preparando o seu desjejum e o da cunhada, um enfarte fulminante pôs fim à sua vida, calando para sempre o riso frouxo e alegre.

Tio Eurides, que por brincadeira fazia versos sem sentido, cantava com voz de taquara rachada, que dava um toque especial às reuniões de família com seus "causos" recheados de mentiras e exageros, não existe mais.

A casa lá em Itapirapuan ficou triste sem ele, mas tio Eurides foi dar nova alegria ao céu, fazendo os santos e anjos rirem de suas irreverências.



*A professora e flautista Odette Ernest Dias recebe a estatueta de dona Marita Martins, da Fundação Comunidade*

# Os melhores da cultura no DF

*O Conselheiro da revista DF Letras, Flávio Kothe, ganhador do Prêmio na categoria Prosa, propôs que seja dado mais acesso aos estudantes de primeiro grau aos clássicos brasileiros e universais, além de fazer uma veemente defesa da literatura.*

Os maiores nomes das artes brasilienses estiveram reunidos, na noite de 1º de dezembro, para a festa de entrega das estatuetas do 5º Prêmio Luiz Estevão de Cultura, na Sala Martins Penna do Teatro Nacional. Assistir ao tradicional evento foi um privilégio para os cerca de 500 convidados do presidente da Fundação Comunidade, deputado Luiz Estevão, que lotaram o teatro e sentaram-se até pelas escadas. O prêmio distribui o equivalente a R\$ 25 mil em prêmios e elege os melhores artistas em cinema, vídeo, literatura (prosa e poesia), teatro, dança, pintura, escultura, música clássica e popular.

Momentos de muita emoção e beleza marcaram o evento, principalmente a homenagem especial pelo conjunto da obra prestada à brasileiríssima professora e flautista francesa Odette Ernest Dias, que reuniu no palco três de suas gerações

de alunos, o Clube do Choro e um grupo de jovens flautistas da Escola de Música para tocar canções como "Carinhoso" e "Odeon". A entrega da estatueta emocionou a cantora Rosa Passos, vencedora do prêmio de música popular. Ela recebeu o prêmio justamente de Eduardo Rangel, que a derrotara há dois anos.

Jovens e experimentados talentos da cultura candanga passaram pelo palco, como o pianista Joel Bello Soares e os cineastas José Eduardo Belmonte e Marcos Mendes, expressões da nova geração de realizadores locais. Wagner Hermuche, após dez anos fora do DF, retornou à cidade com um trabalho forte, que lhe valeu a estatueta de pintura. Wagner foi o responsável pelos efeitos especiais de luz exibidos durante o espetáculo. Já Galeno, escultor que declarou seu amor "à mãe Brasília e ao pai Piau", levou o outro prêmio de artes plásticas e se disse feliz com o reconhecimento do seu trabalho.

O diretor e autor teatral uruguaio Hugo Rodas, um patrimônio da cultura brasiliense, empregou seu infalível "portunhol" para um discurso bem-humorado. Agradeceu, "pela terceira vez", a Fundação Comunidade pela estatueta (ele já vencerá em teatro e foi o homenageado especial em 1993) e disse que, neste ano, foi muito difícil concorrer "contra mim mesmo". Rodas ganhou com a peça "The Globe Circus", mas também disputava com o trabalho "Viúva, porém Honesta", em parceria com os irmãos Adriano e Fernando Quimaraes, a quem ele dedicou a estatueta.

Depois de emocionar e arrancar demorados aplausos da platéia com a exibição de trecho de seu espetáculo "Monólogo de Dois", os dez bailarinos do grupo teatral Basirah retornaram ao palco da Martins Penna para comemorar a estatueta do Prêmio Luiz Estevão de Cultura. A coreógrafa Giselle Rodrigues, que está em Londres, foi acordada com a boa notícia, pelo celular. No palco, vibração do Grupo de Pesquisa Es-



*O deputado Luiz Estevão entrega o prêmio na categoria Música Popular para a cantora Rosa Passos*

- S** TEATRO: **"The Globe Circus"**, direção de Hugo Rodas
- E** DANÇA: **"Basirah"**, coreografia de Giselle Rodrigues
- R** ESCULTURA: **Galeno**
- O** PINTURA: **Wagner Hermuche**
- D** CINEMA: **"O Vidreiro"**, direção de Marcos Mendes
- C** VÍDEO: **"O Peso das Coisas"**, direção de José Eduardo Belmonte
- H** POESIA: **"Estrangeiro"**, de Ronaldo Costa Fernandes
- N** PROSA: **"O Cânone Colonial"**, de Flávio Kothe
- V** MÚSICA ERUDITA: **Joel Bello Soares**
- MÚSICA POPULAR: **Rosa Passos**

pecial do Instituto de Artes da UnB, berço do Basirah.

Literatura teve um dos julgamentos mais difíceis e o poeta Ronaldo Costa Fernandes, um estreante do gênero, confessou-se "vencido pela emoção" em seu breve agradecimento. O pro-

fessor Flávio Kothe, membro do Conselho Editorial da DF Letras, ganhador na categoria prosa, aproveitou a oportunidade para fazer uma veemente defesa da literatura e do acesso maior dos estudantes de primeiro grau aos clássicos brasileiros e universais.